

SOBREVIVENTES: o processo criativo entre a moda e o traje performático

SOBREVIVENTES: The Creative Process between Fashion and Performative Costume

Resumo: Este artigo descreve o projeto artístico SOBREVIVENTES, que investiga a violência ao corpo feminino, culminando na criação de quatro trajes de cena performáticos feitos de arame, plástico, gesso e papel. A pesquisa aborda a violência moral, patrimonial, física e sexual por meio da moda, performance e perspectivas feministas. O produto final deste trabalho é um fotolivro que documenta o resultado final dos trajes confeccionados.

Palavras chave: Traje de Cena; Violência de Gênero; Performance.

Abstract: This article is about the artistic project SOBREVIVENTES, which focuses on violence against the female body and results in the creation of four performance costumes made of wire, plastic, plaster and paper. Through the perspectives of performance studies, fashion and feminism, the research addresses moral, patriarchal, physical and sexual violence. The result of this work is a photo book that shows the costumes created.

Keywords: Costume Design; Gender-based Violence; Performance

Introdução

A vivência da violência de gênero em minha própria vida deixou marcas profundas, tanto visíveis como invisíveis, e teve um impacto significativo na minha percepção do mundo e no meu lugar nele. Desde cedo, comecei a questionar por que a mídia, o cinema e o teatro frequentemente retratam a violência contra o corpo feminino de forma explícita, repetindo a imagem do agressor diante desse corpo, que, com frequência, é retratado como vítima, indefeso e frágil. Essa representação sempre me causou angústia, pois acredito que tais imagens inadvertidamente normalizam essa situação. Diante desse cenário, senti a necessidade de adotar uma abordagem diferente, de explorar essa questão sob uma perspectiva que coloca o corpo feminino em foco, em vez de se concentrar apenas nas violências que ele sofre. Acredito que após enfrentarem tais circunstâncias, estes corpos não devem ser vistas como vítimas, mas como sobreviventes, e desejo incorporar esse discurso também nas performances. Em vez de enfatizar um corpo violentado e oprimido, pretendo realçar a ideia de sobrevivência.

Há cerca de sete anos, durante o meu curso de graduação em Jornalismo, dediquei em estudar a violência de gênero. Minha investigação visou compreender a interrelação desta problemática com o movimento feminista, suas manifestações em variados contextos sociais, bem como os respectivos impactos. Contudo, somente em 2020, minha pesquisa, de natureza

originalmente pessoal, ampliou seu escopo para abarcar o âmbito da criação artística, por meio do ingresso ao programa de iniciação científica de minha universidade, e subsequentemente se desdobrou no projeto artístico intitulado "SOBREVIVENTES".

Este projeto artístico tem como fundamento teórico alicerçar sua abordagem artística e reflexiva sobre a temática da violência de gênero com base em um referencial teórico proveniente de diversas áreas de conhecimento, a saber, os estudos de gênero, a sociologia, a psicologia e a arte.

Neste artigo, descrevo o processo que levou à criação de quatro trajes de cena, cada um representando uma forma de violência de gênero, destinados a serem usados por pessoas que se identificam com gênero feminino na concepção de uma narrativa de fotoperformance que culmina em um fotolivro. Ao longo destas páginas, exploro de forma sucinta como esses trajes, embasados em estudos de gênero e na história da moda, procuram questionar e instigar reflexões sobre a violência ao corpo feminino.

SOBREVIVENTES: Choque. Inércia. Criação.

Durante minha graduação em jornalismo, tive de realizar uma pesquisa etnográfica em São Paulo como parte de um projeto da disciplina de Estatística. Enquanto considerava possíveis temas de pesquisa, sendo uma mulher que havia experienciado e testemunhado a violência doméstica de perto, me ocorreu a ideia de explorar essa questão e buscar outras que compartilhassem experiências semelhantes. Hoje, ao refletir sobre essa decisão, percebo que, mesmo estudando pautas feministas e mesmo com os debates sobre o tema em alta na mídia internacional, a questão da violência doméstica era um assunto silenciado em meu círculo social. Anos mais tarde, em meus estudos, compreendi a importância desse fenômeno de silenciamento e a distinção entre esfera pública e privada na discussão da violência de gênero, conforme discutido por pensadoras feministas, como no livro **Mulher, roupa, trabalho: Como se veste a desigualdade de gênero (2021)**:

Essa separação total entre público e privado, entre a casa e o trabalho, entre o doméstico e o social, deu tão certo que até hoje enfrentamos problemas decorrentes desse arranjo. O caso da violência doméstica é um dos exemplos mais didáticos. Por séculos, mulheres foram agredidas por seus maridos dentro de casa. [...] Antes, a expressão “violência doméstica” nem sequer existia. O problema era tão invisível que não tinha nem um nome para ele. O máximo que dizíamos era que “em briga de marido e mulher não se mete a colher”. Só a partir do momento em que as mulheres passaram a ocupar de maneira mais massiva os espaços públicos é que se conseguiu discutir na esfera pública um problema que nos atinge estruturalmente. De fato, uma das consequências mais cruéis da separação entre público e privado é tornar

invisível para a sociedade tudo o que acontece dentro de casa. (COTTA e FARAGE, 2021, p.24.)

A pesquisa etnográfica mencionada anteriormente possuiu a participação de mais de 200 mulheres que voluntariamente responderam a um questionário eletrônico abrangente, abordando diversas formas de violência e assédio. Adicionalmente, o questionário facultou um espaço para relatos pessoais, caso as participantes optassem por compartilhá-los. Para uma análise mais precisa dos dados obtidos, foram incluídas perguntas sobre características pessoais, como idade, renda, local de residência, ocupação, nível de educação, entre outros.

Após examinar os dados coletados, constatou-se que a violência e o assédio eram ou haviam sido experiências comuns na vida da grande maioria das participantes. Esse dado despertou reflexões e surgiu a inquietação: como poderiam essas informações ser mais do que meras estatísticas? Durante anos, essa indagação persistiu sem resposta para mim.

Foi apenas em 2020, durante o período de isolamento social em decorrência da pandemia de COVID-19, quando os casos de violência doméstica ganharam destaque constante na mídia, que surgiu a oportunidade de dar um propósito aos dados coletados. Enquanto cursava Artes Cênicas na graduação, pude idealizar e produzir um vídeo intitulado **Jogue Pedras em Mim (2020)**¹. Através das redes sociais, solicitei que mulheres enviassem fotos com roupas nas quais haviam sofrido assédio. Foram mais de 100 fotos, representando uma diversidade de corpos em termos de tamanho, cor e classe social. Essas imagens foram incorporadas em uma videoperformance, visando questionar a percepção pública de corpos femininos como passíveis de serem comentados e tocados sem consentimento, independentemente de sua vestimenta.

No ano subsequente, a pesquisa se aprofundou na temática, envolvendo a criação e direção de peças teatrais, a ministração de oficinas e a condução do projeto de iniciação científica mencionado anteriormente. O objetivo era coletar depoimentos e ouvir histórias, a fim de compreender as experiências individuais, os sentimentos associados e as diversas estratégias de enfrentamento e superação da violência. A escuta sensível dessas vozes permitiu a valorização e incorporação das histórias e experiências das sobreviventes ao projeto.

¹ Vídeo Jogue Pedras em mim, disponível em: <https://bitlybr.com/K6Brbn>

Paralelamente, realizou-se uma ampla revisão bibliográfica e pesquisa teórica, explorando teorias feministas, estudos de gênero, sociologia, psicologia e teoria estética, entre outras disciplinas acadêmicas. Essa revisão forneceu um embasamento teórico sólido e uma compreensão mais profunda da violência de gênero, suas raízes estruturais, consequências psicológicas e as formas de resistência e cura.

A metodologia da iniciação científica empregou a criação artística como meio de explorar a experiência das vítimas e os sentimentos relacionados à agressão. Isso culminou na produção de fotoperformances e, posteriormente, em uma vídeoperformance envolvendo a criação de silhuetas feitas com arame, plástico, gesso e papel. Essas silhuetas, fotografadas em tamanho real, representaram os cinco tipos de violência de gênero: psicológica, física, moral, sexual e patrimonial. O propósito era destacar a transformação dos fragmentos e cicatrizes da violência em formas de expressão artística, dando luz às histórias das sobreviventes.

A moda e os trajés de cena performáticos

Conforme anteriormente mencionado, a violência de gênero é um fenômeno que transcende tanto a esfera pública quanto a privada, sendo crucial compreender sua evolução histórica para uma análise mais profunda de sua manifestação na sociedade contemporânea. As mulheres frequentemente se tornam alvo de comentários, análises e críticas relacionadas às suas escolhas de vestimenta. A indumentária emerge como ponto de partida para reflexões sobre a posição da mulher no mundo, proporcionando uma lente para a exploração de inquietações e possíveis caminhos de transformação.

Muitas vezes, o campo político negligencia ou subestima a importância da moda, relegando-a a uma esfera de menor relevância. Tal atitude supõe que indivíduos politicamente conscientes estejam acima de considerações relacionadas à roupa, à moda e à sua linguagem simbólica. No entanto, é imperativo reconhecer que a moda detém o poder de materializar e viabilizar uma análise crítica das estruturas sociais que frequentemente permanecem veladas (COTTA, M., & FARAGE, T. 2021, p. 14).

A partir das criações mencionadas anteriormente, iniciou-se uma investigação das possibilidades a serem exploradas na concepção dos trajés. O objetivo consistia em utilizar os mesmos materiais empregados nas esculturas para dar forma e estrutura aos figurinos destinados a quatro mulheres que representavam distintas gerações: duas jovens na faixa dos

20 anos e duas mais maduras na faixa dos 50 anos, criando assim uma conexão entre o passado e o presente das experiências de violência de gênero. No entanto, é crucial enfatizar que a abordagem dessa temática transcende as simples discussões sobre tipos de cortes, cores e estampas.

Figura 1: Traje de Violência Moral, 2023.



Fonte: Acervo pessoal.

Inicia-se o processo de criação pelo traje "Silêncio". Exposição. Determinação." (Figura 1), que representa a violência moral, caracterizada como uma forma de agressão envolvendo a depreciação, humilhação e exposição do indivíduo a situações de constrangimento e desvalorização. Nesse contexto, concebi um vestido confeccionado a partir de plástico cristal, que evoca uma fusão entre um vestido de noiva e uma crítica à moralidade inerente às religiões ocidentais, como o cristianismo. O vestido incorpora um véu de plástico bolha que cobre os ombros, criando uma atmosfera de mistério e simbolizando uma forma de sufocamento simbólico.

A escolha do plástico cristal como material principal do vestido possui uma conotação simbólica, representando a fragilidade e a transparência das normas morais impostas pela sociedade. Um buquê de flores confeccionadas em plástico PET transparente é utilizado, simbolizando a efemeridade das convenções sociais e ressaltando como tais convenções muitas vezes carecem de substância genuína. Esse traje expressa o silêncio forçado, a exposição injusta e a determinação resiliente que as sobreviventes de violência moral enfrentam, proporcionando uma visão artística dessa experiência.

O segundo traje, intitulado "Medo. Fragilidade. Autonomia" (Figura 2), tem como propósito abordar a temática da violência patrimonial, a qual engloba formas de agressão relacionadas ao controle, destruição ou apropriação dos bens e recursos de uma pessoa,

afetando sua autonomia e liberdade financeira. Para representar essa questão de forma simbólica, foi concebido um vestido construído integralmente a partir de uma colagem de papéis, incluindo contas de água, contas de luz, IPVA, despesas de mercado e outros documentos. Esses papéis inicialmente são fixados na região do tronco do vestido, porém, à medida que a saia se estende para baixo, eles gradativamente se deslocam.

Figura 2: Traje de Violência Patrimonial, 2023.



Fonte: Acervo pessoal.

Visa enfatizar a interligação entre a fragilidade das finanças pessoais e as manifestações de medo e perda de autonomia decorrentes da violência patrimonial. A opção pelo papel como elemento constituinte do vestido carrega consigo uma série de significados simbólicos, salientando a vulnerabilidade inerente a essa forma de violência. Adicionalmente, foram desenvolvidos acessórios, como brincos, anel, prendedor e pulseira, incorporando moedas, com seu valor relativamente baixo, realça a ideia de que a violência pode se manifestar mesmo em aspectos financeiros modestos, sublinhando sua relevância na autonomia.

Figura 3: Traje de Violência Física, 2023.



Fonte: Acervo pessoal

No contexto da criação do traje intitulado "Culpa. Resistência. Força," o objetivo central é abordar a temática da violência física (Figura 3). Essa forma de agressão se destaca por sua natureza direta, causando danos físicos evidentes e lesões perceptíveis. Para simbolizar essa temática de maneira expressiva, desenvolvi um cropped confeccionado com arame, incorporando o uso de ombreiras de arame torcido que se estendem até a região superior do rosto. Além disso, a saia do traje é projetada para evocar a imagem de uma gaiola, visando realçar como a violência física não apenas resulta em confinamento físico, mas também em restrições de liberdade.

A escolha do arame como elemento central do traje simboliza a resistência do material e deste corpo, a contenção e a agressividade inerentes à violência física. Esse material não apenas representa a limitação física, mas também as restrições impostas, evocando uma sensação de aprisionamento e controle que são características fundamentais desse tipo de violência. As ombreiras de arame desempenham um papel proeminente no traje, assumindo uma representação metafórica tanto da proteção excessiva como de um mecanismo de resistência e força perante a este tipo de violência.

Figura 4: Traje de Violência Sexual, 2023.



Fonte: Acervo pessoal.

O último traje, intitulado "Inércia. Rigidez. Reação" (Figura 4), aborda a questão da violência sexual e explora a sensação de inércia e impotência que frequentemente acomete. Para representar essa temática de maneira simbólica, foi criado um macacão confeccionado com atadura gessada seca, com tiras costuradas umas nas outras.

A escolha da atadura gessada seca como material central do macacão ocorreu pois tradicionalmente esta é associada a tratamentos de imobilização e recuperação física, a atadura evoca a vulnerabilidade, a fragilidade e a dependência do corpo humano. Ao utilizar

esse material na confecção do traje, busca transmitir a sensação de aprisionamento, a experiência de estar envolvido em um estado de imobilidade e incapacidade de se libertar. As tiras costuradas umas nas outras simbolizam a conexão entre as vivências.

Considerações Finais

Este trabalho em constante evolução, almeja oferecer uma crítica poética reflexiva proporcionada por meio de trajes elaborados a partir da semiótica e do simbolismo e referências à violência dirigida ao corpo feminino. O propósito é abordar essa temática de maneira sutil, evitando a exploração de estereótipos e a normalização do assunto. Tais trajes, foram criados com o intuito de serem usados na elaboração de um fotolivro performance.

As fotos foram capturadas em preto e branco. Essa escolha estética não apenas remete a um estilo clássico, mas também proporciona uma representação visual que explora os tons de cinza. Essa paleta de cores reflete a complexidade das experiências dos corpos que enfrentam a violência de gênero, ressaltando que, em algumas situações, há neblina e confusão. Esse simbolismo, entretanto, não se refere à agressão em si, mas sim aos sentimentos das que a vivenciam. Além disso, esta paleta propõe a contraposição de valores antagônicos, tradicionalmente associados a conceitos polares. A dualidade entre claro e escuro permite uma expressão de juízos éticos sobre a realidade, enfatizando que o tema da violência de gênero não pode ser reduzido a uma visão simplista.

Em síntese, este artigo buscou apresentar o processo de criação artística, promovendo um diálogo crítico sobre a violência de gênero por meio da moda e da performance. Ao utilizar a moda como meio de expressão e reflexão, o objetivo central foi enfatizar que esses corpos não se resumem apenas às suas experiências como vítimas, mas sim que suas narrativas transcendem esse papel, destacando a complexidade de suas histórias.

Referências

- BACELLAR, Camila Bastos. **Performance e feminismos: diálogos para habitar o corpo-encruzilhada**. Urdimento, Santa Catarina, v. 2, n. 1, p. 62-67, dez. 2016.
- COTTA, M., & FARAGE, T. (2021). **Mulher, roupa, trabalho: Como se veste a desigualdade de gênero** (Portuguese Edition) [Kindle Android version]. Retrieved from Amazon.com
- TEPERMAN, Daniela & GARRAFA, Thais & IACONELLI, Vera. **Gênero**. 1 ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica 2020.